

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER
STM EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

**A TRINDADE É UMA SOCIEDADE?
UMA AVALIAÇÃO DO TRINITARIANISMO SOCIAL**

ANDRÉ ALOÍSIO OLIVEIRA DA SILVA

São Paulo

2017

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER
STM EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

**A TRINDADE É UMA SOCIEDADE?
UMA AVALIAÇÃO DO TRINITARIANISMO SOCIAL**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper como requisito para aprovação na disciplina Doutrina da Trindade, ministrada pelo Prof. Rev. Heber Carlos de Campos Junior.

ANDRÉ ALOÍSIO OLIVEIRA DA SILVA

São Paulo

2017

RESUMO

O trinitarianismo social é um entendimento sobre a doutrina da Trindade que vê as três pessoas como uma comunidade e prioriza-as sobre a única essência. Este trabalho é uma avaliação dessa perspectiva trinitária e pretende demonstrar, ao contrário do trinitarianismo social, que tanto a unidade da essência quanto a diversidade das pessoas são igualmente fundamentais em Deus. No primeiro capítulo, define-se mais precisamente o trinitarianismo social como uma perspectiva que nega ser Deus monoconsciente e afirma-se mais detalhadamente a tese, no sentido de que a personalidade pode ser atribuída tanto à unidade quanto à diversidade divinas, e de que Deus é um ser tanto monoconsciente quanto triconsciente. O segundo capítulo apresenta um breve histórico do trinitarianismo social e seus principais expoentes. Nos terceiro e quarto capítulos, argumentos a favor e contra o trinitarianismo social são apresentados e a tese deste trabalho é desenvolvida, levando à conclusão de que a Trindade não é uma sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Trindade social; trinitarianismo social; personalidade.

ABSTRACT

The social trinitarianism is an understanding about the doctrine of the Trinity that sees the three persons as a community and prioritize that persons over the one essence. This work is an evaluation of that trinitarian perspective and pretend to show, contrary to the social trinitarianism, that the one essence and the diverse persons are equally fundamental in God. In the first chapter, the social trinitarianism is defined more precisely as a perspective that deny be God monoconscious and the thesis is affirmed with more details in this way: personhood may be assigned to both divine unity and divine diversity, and God is both monoconscious and triconscious. The second chapter shows a brief historical of the social trinitarianism and its main exponents. In the third and four chapters arguments for and against social trinitarianism are presented and the thesis of this work is developed leading to the conclusion that the Trinity is not a society.

KEYWORDS: Social Trinity; social trinitarianism; personhood.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 5 |
| 1 DEFINIÇÃO DE TRINITARIANISMO SOCIAL..... | 7 |
| 2 BREVE HISTÓRICO DO TRINITARIANISMO SOCIAL E SEUS PRINCIPAIS EXPOENTES | 12 |
| 3 ARGUMENTOS A FAVOR DO TRINITARIANISMO SOCIAL | 15 |
| 3.1 O PRINCÍPIO DE PLANTINGA, O PONTO PRINCIPAL DE BARTH E A REGRA DE RAHNER | 15 |
| 3.2 ARGUMENTO SOBRE A NATUREZA DA SALVAÇÃO | 17 |
| 3.3 ARGUMENTO DA COERÊNCIA | 18 |
| 4 ARGUMENTOS CONTRA O TRINITARIANISMO SOCIAL..... | 20 |
| 4.1 NOVO TESTAMENTO PRIVILEGIADO SOBRE O ANTIGO TESTAMENTO..... | 20 |
| 4.2 NENHUM ANTECEDENTE NA TRADIÇÃO | 22 |
| 4.3 MINIMIZAÇÃO DA UNIDADE DE DEUS | 23 |
| CONCLUSÃO | 24 |
| BIBLIOGRAFIA | 26 |

INTRODUÇÃO

Nas décadas finais do século XX, uma nova abordagem à doutrina da Trindade tornou-se cada vez mais comum entre os mais diferentes ramos do cristianismo, tanto a nível acadêmico quanto popular: o trinitarianismo social, também chamado de “doutrina social da Trindade” ou simplesmente “Trindade social”. Não é fácil definir o trinitarianismo social, mas, para fins introdutórios, a definição dada por Robert Letham é bastante útil: trinitarianismo social é um “entendimento da Trindade que vê as três pessoas como uma comunidade, interagindo umas com as outras. *Sua premissa básica é que as três pessoas têm prioridade sobre o único ser (essência)*”.¹

Este trabalho é uma avaliação desse novo entendimento da doutrina da Trindade. Ele tem dois objetivos principais: primeiro, trazer mais informação sobre o trinitarianismo social para o português, uma vez que há pouquíssimo material nesse idioma sobre o assunto; segundo, trazer contribuições ao debate em torno desse tema, ainda que de forma modesta e num idioma não conhecido pelos principais participantes do debate.

A grande justificativa para esta pesquisa é a importância fundamental que a doutrina da Trindade tem para a fé cristã, sendo, certamente, a principal doutrina do cristianismo, a partir da qual todas as demais fluem. Se isso é assim, a forma como ela é entendida traz implicações gigantescas para todas as áreas da teologia, razão pela qual uma avaliação do trinitarianismo social faz-se tão pertinente.

Alguns críticos do trinitarianismo social têm apresentado suas objeções a esse pensamento indo para um outro extremo. Enquanto a doutrina social da Trindade prioriza as três pessoas sobre a única essência, esses críticos têm priorizado a unidade essencial de Deus sobre as três pessoas.

A tese deste trabalho, que será apresentada mais detalhadamente no capítulo 1, segue um caminho diferente. Ao contrário dos extremos assumidos pelo trinitarianismo social e por alguns dos seus críticos, este trabalho argumenta que tanto a unidade da essência quanto a diversidade das pessoas são igualmente fundamentais em Deus.² Não se pode priorizar nenhum desses aspectos da Trindade em detrimento do outro. Desse modo, pretende-se

¹ LETHAM, Robert. *The Holy Trinity: in Scripture, history, theology and worship*. Phillipsburg: P&R, 2004, p. 502. Minha tradução e meus itálicos.

² Essa é a tese de um trabalho anterior deste autor, mas que não lidou diretamente com o trinitarianismo social. Cf. SILVA, André Aloísio Oliveira da. *A Trindade Imanente: unidade de essência e diversidade de pessoas como igualmente fundamentais em Deus*. Monografia (Bacharelado em Teologia) – Seminário Teológico do Nordeste, Teresina, 2014.

demonstrar que o trinitarianismo social é um entendimento incorreto, nem tanto pelo que afirma, mas principalmente pelo que nega ou minimiza.

Essa tese é desenvolvida em quatro capítulos: no primeiro, elabora-se uma definição mais precisa do trinitarianismo social e apresenta-se uma declaração mais detalhada da tese deste trabalho; no segundo, apresenta-se um breve histórico do desenvolvimento desse entendimento da doutrina da Trindade e seus principais expoentes; no terceiro, os argumentos dos que defendem o trinitarianismo social são examinados e refutados; no quarto, são apresentados os argumentos contra o trinitarianismo social e respondidas algumas réplicas dos defensores desse entendimento.

A metodologia a ser utilizada é a pesquisa bibliográfica em livros e artigos específicos sobre o tema em questão.

1 DEFINIÇÃO DE TRINITARIANISMO SOCIAL

O que é o trinitarianismo social? A definição de Letham, de que a doutrina social da Trindade prioriza as três pessoas sobre a única essência,¹ chama a atenção para um ponto muito importante nesse pensamento. Mas é preciso buscar um detalhamento maior para uma correta avaliação dessa perspectiva trinitária.

Em primeiro lugar, é importante distinguir entre analogia social da Trindade, modelo social da Trindade e doutrina social da Trindade. Gijsbert van den Brink² apresenta uma analogia social da Trindade como uma dentre outras analogias úteis (por exemplo, a analogia psicológica de Agostinho).³ Um modelo social da Trindade, por outro lado, vê a analogia social como a metáfora-chave para explicar a doutrina da Trindade. Finalmente, uma doutrina social da Trindade reivindica *status* doutrinário para o modelo social da Trindade, no sentido de que todos os trinitários deveriam abraçar esse modelo.⁴ Diante disso, o que aqui é chamado de trinitarianismo social envolve tanto os que defendem um modelo social da Trindade quanto uma doutrina social da Trindade, mas não inclui aqueles que apenas usam analogias sociais da Trindade entre outras analogias. Dentre esses últimos, pode-se mencionar Agostinho, que usa, ao lado das analogias psicológicas, a analogia do amor, em que o Pai é o que ama, o Filho é o amado e o Espírito Santo é o amor; e também Karl Barth, que fala de uma comunhão, reciprocidade e intercomunidade entre Pai, Filho e Espírito Santo, que são o fundamento dos relacionamentos existentes entre as criaturas, ao mesmo tempo em que descreve Deus como um único sujeito e não três.⁵

¹ Cf. LETHAM, Robert. *The Holy Trinity: in Scripture, history, theology and worship*. Phillipsburg: P&R, 2004, p. 502.

² Cf. BRINK, Gijsbert van den. Social trinitarianism: a discussion of some recent theological criticisms. *International Journal of Systematic Theology*, v. 16, n. 3, p. 331-350, jul. 2014, p. 332.

³ Uma analogia psicológica da Trindade vê Deus como uma única mente e as três pessoas como atributos dessa mente. Em Agostinho, vários exemplos de atributos da mente são apresentados como analogias psicológicas da Trindade: mente, conhecimento e amor; memória, entendimento e vontade; sabedoria, conhecimento racional e conhecimento animal; e memória, pensamento e vontade. Cf. LETHAM, *The Holy Trinity*, p.196; JENSON, Robert W. *The triune identity: God according to the gospel*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2002, p.129-130, 155.

⁴ Thomas R. Thompson faz uma distinção semelhante, mas usando outros termos. Ele fala de trinitarianismos que adotam uma analogia social (o mesmo que Brink chama de modelo social e doutrina social) e de trinitarianismos que contêm *motifs* sociais (o mesmo que Brink chama de analogia social). Apenas os primeiros podem ser chamados de trinitarianismo social. Cf. THOMPSON, Thomas R. Trinitarianism today: doctrinal renaissance, ethical relevance, social redolence. *Calvin Theological Journal*, Grand Rapids, MI, v. 32, n. 1, p. 9-42, abr. 1997, p. 30-31.

⁵ Cf. THOMPSON, Trinitarianism today, p. 30-31. Ricardo de São Vitor é outro nome que poderia ser incluído entre os que usam analogias sociais, sem assumirem um trinitarianismo social. Como este autor escreve em outro trabalho, “Ricardo argumenta que o fato de Deus amar implica que Deus é uma Trindade, pois para o amor existir é necessário haver pelo menos duas pessoas que se amam, o Pai e o Filho. Mas o argumento prossegue

Feitas essas distinções, Brink, que é um trinitário social, apresenta quatro características desse entendimento,⁶ dentre as quais as duas mais importantes são as seguintes: primeiro, o trinitarianismo social tem uma concepção do Pai, do Filho e do Espírito Santo como três centros de consciência distintos (ou três sujeitos) e prefere o termo “pessoa” a termos como “modos de ser” e outros semelhantes; segundo, o trinitarianismo social defende uma ontologia relacional, onde o que constitui a subsistência pessoal de cada pessoa é o seu relacionamento mútuo com as outras duas. Outro trinitário social, chamado J. Scott Horrell, também inclui a crença em três centros de consciência como parte do trinitarianismo social: “Minha definição de modelo social da Trindade é que o único ser divino existe eternamente como três centros distintos de consciência, totalmente iguais em natureza, genuinamente pessoais em relacionamentos, e cada um habitando mutuamente o outro”.⁷

O problema com as duas características do trinitarianismo social apresentadas acima é que elas não são exclusivas do trinitarianismo social. Ao se examinar a história da teologia, pode-se encontrar outras vozes que falam de três centros de consciência ou três sujeitos em Deus, e que não podem ser enquadradas dentro do trinitarianismo social, como se percebe na seguinte análise feita por Thompson.⁸ Thompson, que também é um trinitário social, entende que a definição do trinitarianismo social depende da resposta dada à seguinte pergunta: o que são os “três” e o que é o “um” em Deus. Essa pergunta, por sua vez, está totalmente relacionada ao conceito que alguém tem da personalidade de Deus: sua natureza e seu lugar apropriado. Thompson apresenta três respostas que têm sido dadas a essa pergunta.⁹

A primeira responde que Deus é uma pessoa existente como Pai, Filho e Espírito Santo. Para essa posição, a personalidade de Deus está ligada ao “um”, de modo que Deus é uma única pessoa com autoconsciência. Os “três” em Deus são explicados em termos de “modos de ser” (Karl Barth)¹⁰ e “maneiras de subsistir” (Karl Rahner).¹¹ Segundo esse

afirmando que a mais excelente forma de amor exige uma terceira pessoa, pois aquele que é amado deseja que ‘alguém mais possa ser amado tanto quanto ele mesmo é amado, e pelo mesmo agente que ama’, e desse modo, Pai e Filho desejam compartilhar o seu amor mútuo com uma terceira pessoa, o Espírito Santo” (SILVA, André Aloísio Oliveira da. *A Trindade Imanente: unidade de essência e diversidade de pessoas como igualmente fundamentais em Deus*. Monografia (Bacharelado em Teologia) – Seminário Teológico do Nordeste, Teresina, 2014, p. 43).

⁶ Cf. BRINK, Social trinitarianism, p. 336.

⁷ HORRELL, J. Scott. Toward a biblical model of the Social Trinity: avoiding equivocation of nature and order. *Journal of the Evangelical Theological Society*, Lynchburg, v.47, n.3, p.399-421, set./nov. 2004, p. 399. Minha tradução.

⁸ Cf. THOMPSON, Trinitarianism today, p. 27-32.

⁹ A ordem das respostas apresentada aqui é diferente da de Thompson, mas o conteúdo é o mesmo.

¹⁰ Cf. SILVA, *A Trindade Imanente*, p. 61.

¹¹ Cf. RAHNER, Karl. *The Trinity*. New York: Crossroad, 1997, p. 110.

entendimento, portanto, Deus tem apenas um centro de consciência e não três. Muitos críticos do trinitarianismo social nos dias de hoje apresentam essa resposta como alternativa.

A segunda resposta dada à pergunta é que Deus é três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo, que existem em união pericorética¹² como um Deus. Nesse entendimento, a personalidade está associada aos “três”, de modo que Deus é três pessoas, três centros de consciência, e não uma pessoa. A unidade de Deus é explicada, através da pericorese, em termos da unidade de uma família, comunidade ou sociedade, raramente em termos de uma única essência, e nunca em termos de uma pessoa.¹³ Essa é a resposta dada pelo trinitarianismo social.

A terceira resposta diz que Deus é três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo, que são também uma pessoa. Nessa posição, a personalidade de Deus é associada tanto ao “um” quanto aos “três”, de modo que se diz tanto que Deus é uma pessoa quanto que Deus é três pessoas, que Deus tem tanto um centro de consciência quanto três, ou que Deus é tanto um sujeito quanto três. Deus é uma pessoa porque cada uma das três pessoas é idêntica à essência divina única, e as três pessoas só se diferenciam umas das outras pelas suas relações de origem ou de oposição.¹⁴ Além disso, Deus é uma pessoa porque as pessoas divinas habitam umas nas outras.¹⁵ Essa é a resposta normalmente dada no Ocidente e é a doutrina trinitária considerada ortodoxa tanto pela Igreja Romana quanto pelas Igrejas Protestantes.

Essa terceira resposta é sumarizada por Cornelius Van Til que, com base no pensamento de teólogos de Princeton e Amsterdã,¹⁶ escreve o seguinte: “Nós falamos de Deus como uma pessoa; mas nós também falamos de três pessoas na Deidade [...] As pessoas da Deidade são mutuamente exaustivas uma da outra e, portanto, da essência da Deidade. Deus é

¹² Termo derivado de *pericorese*, uma espécie de transliteração do termo grego περιχώρησις, que deriva do substantivo grego χωρα (“espaço” ou “apartamento”) ou do verbo grego χωρειν (“conter”, “fazer apartamento” ou “ir adiante”), significando “conter um ao outro”. Essa doutrina é sistematizada no Concílio de Florença (1439-1442): “O Pai está todo no Filho e todo no Espírito Santo; o Filho está todo no Pai e todo no Espírito Santo; o Espírito Santo está todo no Pai e todo no Filho; ninguém precede ao outro em eternidade ou o excede em grandeza ou o sobrepuja em poder” (Apud MIRANDA, Daniel Leite Guanaes. *Leonardo Boff e João Calvino: diferentes perspectivas concernentes à Santíssima Trindade*, p. 5-6).

¹³ Segundo Horrell, quase todos os defensores da Trindade social entendem a unidade de Deus em termos da pericorese, não da essência: cf. HORRELL, Toward a biblical model of the Social Trinity, p.408.

¹⁴ As relações de origem são: o Pai não é gerado nem procede de ninguém (não-geração), o Filho é gerado pelo Pai (geração) e o Espírito Santo procede do Pai e do Filho (procedência). As relações de oposição são: o Pai gera o Filho (paternidade), o Filho é gerado pelo Pai (filiação), Pai e Filho espiram o Espírito (espiração) e o Espírito Santo procede do Pai e do Filho (procedência): cf. LACUGNA in RAHNER, *The Trinity*, p.5.

¹⁵ Cf. HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 347.

¹⁶ Cf. HODGE, *Teologia sistemática*, p. 347; BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. Vol.2, p. 311-312.

um ser monoconsciente e, ainda assim, ele também é um ser triconsciente”.¹⁷ Esse tipo de linguagem não nega a distinção existente entre a personalidade da unidade de Deus e a personalidade da diversidade de Deus, mas apenas chama a atenção para a semelhança entre as duas. A distinção entre elas é expressa na fórmula tradicional como “uma essência, três pessoas”. Deus é três pessoas não só no sentido de que ele tem três centros de consciência, mas também no sentido de ser relacional, pois as três pessoas relacionam-se mutuamente entre si. Porém, como uma essência pessoal única, não se pode dizer que Deus é necessariamente relacional, porque isso implicaria, ou que Deus está em relação com as três pessoas, o que faria da Trindade uma quaternidade, ou que ele está em relação com outro ser, o que seria politeísmo.¹⁸ Como essência pessoal única, Deus só é relacional porque decidiu criar o mundo, e se relaciona pessoalmente com esse mundo tanto em sua unidade quanto em sua diversidade.

Diante dessas respostas, percebe-se que não só o trinitarianismo social defende a existência de três centros de consciência em Deus, mas também o trinitarianismo histórico. A diferença entre os dois não está naquilo que é afirmado, mas naquilo que é negado. O mesmo se poderia dizer da ontologia relacional, em que uma pessoa divina é constituída pelos seus relacionamentos com as outras duas. Isso também sempre foi afirmado na doutrina histórica da Trindade,¹⁹ e não pode ser descrito como uma característica exclusiva do trinitarianismo social.

Portanto, o trinitarianismo social é melhor definido pelo que nega e não pelo que afirma, podendo-se defini-lo mais corretamente como um entendimento da doutrina da Trindade que nega ser Deus monoconsciente, em favor de uma afirmação exclusiva de três centros de consciência em Deus.

Com essa definição mais precisa do trinitarianismo social, a tese a ser defendida neste trabalho pode ser apresentada com mais detalhes. Pretende-se demonstrar o erro do trinitarianismo social ao se afirmar que tanto a unidade quanto a diversidade são igualmente fundamentais em Deus, no sentido de que a personalidade está associada tanto à unidade quanto à diversidade divinas e Deus é um ser tanto monoconsciente quanto triconsciente.

¹⁷ VAN TIL, Cornelius. *An introduction to systematic theology: prolegomena and the doctrines of revelation, Scripture, and God*. 2.ed. Phillipsburg: P&R Publishing, 2007, p. 348. Minha tradução. Cf. VAN TIL, *An introduction to systematic theology*, p. 363, 364. Berkhof também afirma implicitamente a existência de três sujeitos em Deus ao dizer que “as autodistinções do Ser divino implicam um ‘Eu’ e ‘Tu’ no Ser de Deus, que assumem relações pessoais uns com os outros” (BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.84).

¹⁸ Cf. LETHAM, *The Holy Trinity*, p. 8.

¹⁹ Cf. TURRETINI, François. *Compêndio de teologia apologetica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. Vol. 1, 3.23.14,15.

Antes disso, porém, um breve histórico do trinitarianismo social será apresentado, juntamente com uma relação de seus principais expoentes.

2 BREVE HISTÓRICO DO TRINITARIANISMO SOCIAL E SEUS PRINCIPAIS EXPOENTES

Alguns apresentam como trinitários sociais antigos ou como predecessores desse pensamento os Pais Capadócius (século IV) e Ricardo de São Vitor (século XII). Quanto a Ricardo de São Vitor, ele foi, no máximo, alguém que utilizou uma analogia social, como afirmado no capítulo anterior, mas não um trinitário social, o que o próprio Thompson reconhece.¹ Quanto aos Pais Capadócius, eles também utilizaram analogias sociais em relação à Trindade: Gregório de Nissa usa a analogia dos três homens (Pedro, Tiago e João) com uma natureza humana comum, Gregório de Nazianzo usa a analogia da família (Adão, Eva e Sete) e Basílio de Cesareia fala de Deus como uma comunidade indissolúvel.² Porém, o próprio Thompson afirma que é disputável se os Pais Capadócius podem ser incluídos entre os trinitários sociais.³ O fato de que os Pais Capadócius entendem que Deus é uma única essência simples e indivisível,⁴ o que é negado pelo trinitarianismo social, coloca-os fora desse guarda-chuva trinitário.

Trinitários sociais antigos ou predecessores desse entendimento mais prováveis são Gilberto de Poitiers (século XII) e Joaquim de Fiori (século XII),⁵ esse último condenado no Quarto Concílio de Latrão (1215).⁶ Um predecessor mais moderno é F. D. Maurice (século XIX), que afirmou que a sociedade humana está fundamentada na natureza social de Deus e que Deus tem três vontades, mas não desenvolveu muito esse pensamento.⁷

O trinitarianismo social aparece em cena, de fato, no início do século XX, através do trabalho de anglicanos como Wilfred Richmond (1900), J. R. Illingworth (1907), Francis J. Hall (1910), Clement C.J. Webb (1918), L. S. Thornton (1926) e E.J. Bicknell (1926), que passam a usar a analogia social como a principal e a falar de Deus como uma sociedade

¹ Cf. THOMPSON, Thomas R. Trinitarianism today: doctrinal renaissance, ethical relevance, social redolence. *Calvin Theological Journal*, Grand Rapids, MI, v. 32, n. 1, p. 9-42, abr. 1997, p. 34-35.

² Cf. THOMPSON, Trinitarianism today, p. 36.

³ Cf. THOMPSON, Trinitarianism today, p. 36.

⁴ Cf. HOLMES, Stephen R. *The Holy Trinity: understanding God's life*. London: Paternoster, 2012, cap. 5, edição Kindle.

⁵ Cf. THOMPSON, Trinitarianism today, p. 35.

⁶ Cf. SILVA, André Aloísio Oliveira da. *A Trindade Imanente: unidade de essência e diversidade de pessoas como igualmente fundamentais em Deus*. Monografia (Bacharelado em Teologia) – Seminário Teológico do Nordeste, Teresina, 2014, p. 44.

⁷ Cf. THOMPSON, Trinitarianism today, p. 35. Mark D. Chapman também apresenta como predecessor do trinitarianismo social Conrad Noel, um anglicano do século XIX que defendeu o socialismo com base em um modelo social da Trindade: cf. CHAPMAN, Mark D. The social doctrine of the trinity: some problems. *Anglican Theological Review*, Chicago, IL, v. 83, n. 2, p. 239-254, 2001, p. 241-242.

divina. As ideias deles são elaboradas por Leonard Hodgson, cuja obra *The Doctrine of the Trinity* (1943) se torna o tratamento padrão sobre trinitarianismo social.⁸

Apesar da importância do trabalho desses teólogos em preparar o caminho ou iniciar o trinitarianismo social, o grande responsável pela popularidade desse pensamento na atualidade é o neo-ortodoxo Jürgen Moltmann. Em sua obra *The Trinity and the kingdom* (1980),⁹ Moltmann argumenta que a unidade divina deve ser entendida em termos da habitação mútua (pericorese) das pessoas divinas, e não de uma essência divina comum: “seu ‘fundamento primário transcendente’ não pode ser visto como encontrando-se na una, única e homogênea essência divina (*substantia*), ou no sujeito idêntico e absoluto. Ele, então, encontra-se na eterna pericorese do Pai, do Filho e do Espírito Santo”¹⁰. Moltmann critica o monoteísmo como responsável pelo totalitarismo na política e na Igreja¹¹ e deseja uma doutrina da Trindade em que Deus não seja definido por seu poder de dispor da sua propriedade (que é o que, segundo ele, acontece no monoteísmo), mas por sua personalidade e relacionamentos pessoais.¹²

Outro importante nome no desenvolvimento do trinitarianismo social é John Zizioulas, com seu livro *Being as communion* (1985).¹³ Ao contrário dos outros trinitários sociais, todos ocidentais, Zizioulas é um representante da ortodoxia oriental. Sua tese principal é que os Pais Capadóciolos revolucionaram a ontologia, quando, segundo ele, argumentaram que o ser de Deus não é algo além das três pessoas, mas algo constituído pelas relações entre elas. Desse modo, o ser de Deus é a comunhão entre as três pessoas e as três pessoas têm prioridade sobre a essência divina.¹⁴

Tanto Moltmann quanto Zizioulas são as principais influências dos trinitários sociais atuais. Moltmann influenciou especialmente o brasileiro católico Leonardo Boff, que usa o trinitarianismo social como fundamento para uma teologia da libertação.¹⁵ Zizioulas é a

⁸ Cf. THOMPSON, Trinitarianism today, p. 35; BRINK, Gijsbert van den. Social trinitarianism: a discussion of some recent theological criticisms. *International Journal of Systematic Theology*, v. 16, n. 3, p. 331-350, jul. 2014, p. 333. As datas entre parêntesis nesse parágrafo são as datas das publicações das obras principais dos teólogos mencionados.

⁹ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *The Trinity and the kingdom: the doctrine of God*. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

¹⁰ MOLTSMANN, *The Trinity and the kingdom*, p.157. Minha tradução. Cf. MOLTSMANN, *The Trinity and the kingdom*, p.175.

¹¹ Cf. METZLER, Norman. The Trinity in contemporary theology: questioning the social Trinity. *Concordia Theological Quarterly*, Fort Wayne, IN, v. 67, n. 3-4, p. 270-287, jul. 2003, p. 277.

¹² Cf. MOLTSMANN, *The Trinity and the kingdom*, p. 198, 199.

¹³ Cf. ZIZIOLAS, John. *Being as communion: studies in personhood and the church*. Londres: Darton, Longman and Todd, 1985.

¹⁴ Cf. BRINK, Social trinitarianism, p. 334; THOMPSON, Trinitarianism today, p. 36.

¹⁵ Cf. BOFF, Leonardo. *A Trindade e a sociedade*. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

grande influência sobre os neo-ortodoxos Robert Jenson¹⁶ e Colin Gunton¹⁷ e sobre a católica Catherine Mowry LaCugna.¹⁸ O neo-ortodoxo Wolfhart Pannenberg sistematizou o trinitarianismo social dos seus antecessores e procurou fundamentá-lo na revelação bíblica.¹⁹ Finalmente, é importante mencionar o evangélico Millard Erickson²⁰ e o reformado Cornelius Plantinga,²¹ que também são trinitários sociais que entendem o ser de Deus como uma comunhão de pessoas.

No próximo capítulo, os principais argumentos utilizados pelos trinitários sociais em favor de sua doutrina da Trindade serão apresentados e refutados.

¹⁶ Cf. JENSON, Robert W. *The triune identity: God according to the gospel*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2002.

¹⁷ Cf. GUNTON, Colin E. *The promise of trinitarian theology*. 2.ed. New York: T&T Clark Ltd, 1997; GUNTON, Colin E. *The one, the three and the many: God, creation and the culture of modernity*. New York: Cambridge University Press, 1993.

¹⁸ Cf. LACUGNA, Catherine Mowry. *God for us: the Trinity and christian life*. São Francisco: HarperSanFrancisco, 1991.

¹⁹ Cf. PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. Santo André, SP: Academia Cristã, 2009. Vol. 1.

²⁰ Cf. ERICKSON, Millard J. *God in three persons: a contemporary interpretation of the Trinity*. Grand Rapids, MI: Baker Pub Group, 1995.

²¹ PLANTINGA, Cornelius. Social trinity and tritheism. In: FEENSTRA, Ronald J. (Ed.); PLANTINGA, Cornelius (Ed.). *Trinity, incarnation, and atonement: philosophical and theological essays*. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 1990.

3 ARGUMENTOS A FAVOR DO TRINITARIANISMO SOCIAL

O trinitarianismo social tem sido defendido com base em alguns argumentos. Esses argumentos serão apresentados e refutados.

3.1 O PRINCÍPIO DE PLANTINGA, O PONTO PRINCIPAL DE BARTH E A REGRA DE RAHNER

Este é o principal argumento em favor do trinitarianismo social. Brink argumenta que o trinitarianismo social é resultado de três afirmações que, segundo ele, não são contestadas por nenhum cristão niceno. Ele as chama de Princípio de Plantinga, Ponto Principal de Barth e Regra de Rahner.

O Princípio de Plantinga afirma que uma pessoa que lê o Novo Testamento desenvolve naturalmente uma explicação social para a Trindade econômica.¹ Fred Sanders disse algo semelhante a esse princípio ao escrever que “todos estão obrigados a serem trinitários sociais no nível econômico”.² O Ponto Principal de Barth é que, quando lidamos com a revelação de Deus, estamos lidando com o próprio Deus.³ A Regra de Rahner é a aplicação do Ponto Principal de Barth à doutrina da Trindade, e afirma que “A Trindade ‘econômica’ é a Trindade ‘imaneente’ e a Trindade ‘imaneente’ é a Trindade ‘econômica’”.⁴

Portanto, o argumento é que, se a Trindade econômica revelada no Novo Testamento é uma Trindade social e se a revelação de Deus é o próprio Deus, ou, em outras palavras, a Trindade econômica é a Trindade imaneente, segue-se que a Trindade imaneente, ou Deus em si mesmo, também é uma Trindade social.

Obviamente, a validade desse argumento depende da validade de cada uma das afirmações das quais ele depende. E, ao contrário do que Brink afirma, nem todo cristão niceno aceita essas três afirmações.

Quanto ao Princípio de Plantinga, ele não se sustenta diante de um exame dos dados da Escritura. É verdade que em vários pontos da Bíblia, especialmente no Novo Testamento,

¹ Cf. BRINK, Gijsbert van den. Social trinitarianism: a discussion of some recent theological criticisms. *International Journal of Systematic Theology*, v. 16, n. 3, p. 331-350, jul. 2014, p. 349. A chamada Trindade econômica é a “Trindade como revelada na criação e salvação – agindo em nosso mundo, na história humana” (LETHAM, Robert. *The Holy Trinity: in Scripture, history, theology and worship*. Phillipsburg: P&R, 2004, p. 498. Minha tradução).

² SANDERS, Fred apud BRINK, Social trinitarianism, p. 342. Minha tradução.

³ Cf. BRINK, Social trinitarianism, p. 349.

⁴ RAHNER, *The Trinity*, p.22. Minha tradução. A Trindade imaneente pode ser definida como a “Trindade em si mesma, ou as três pessoas em relação umas com as outras, sem referência à criação” (LETHAM, *The Holy Trinity*, p. 499. Minha tradução).

Pai, Filho e Espírito Santo são apresentados claramente como três pessoas distintas com três centros de consciência que se relacionam entre si. Mas também é verdade que muitas vezes Deus é apresentado na Bíblia como uma única pessoa, com um centro de consciência, conforme o argumento a seguir.

Calvino declara uma regra importante para a interpretação das Escrituras: "onde se faz menção simples e indefinida de Deus, esse termo cabe ao Filho e ao Espírito não menos que ao Pai. Tão logo, porém, se compara o Pai com o Filho, a propriedade específica distingue cada um do outro".⁵ Em outras palavras, referências bíblicas a Deus em sua relação com o Filho e o Espírito referenciam Deus Pai, mas todas as demais referências a Deus, nas quais não haja o elemento de relação, referenciam todas as pessoas divinas ao mesmo tempo. Gerald Bray chega à mesma conclusão ao responder à pergunta sobre se o Deus do Antigo Testamento é o Pai do Senhor Jesus Cristo ou a Trindade como um todo: "o Deus do Antigo Testamento é a Trindade indiferenciada".⁶ Dito isso, é um fato que quase todas as referências bíblicas a Deus sem o elemento de relação o mostram como um único sujeito, usando pronomes no singular e praticando ações com verbos no singular.⁷ Se todas as pessoas divinas estão incluídas nessas referências a Deus, e ainda assim Deus é apresentado como um sujeito, então a Bíblia também o apresenta como uma única pessoa:

em toda parte nas Escrituras [...] Deus, como Deus, é encarado como pessoa, em perfeita consistência com a tripessoalidade da Deidade. Podemos e oramos a cada uma das Pessoas separadamente; e oramos a Deus, como Deus; pois as três pessoas são um só Deus; um não apenas em substância, mas em conhecimento, vontade e poder.⁸

Portanto, se a Bíblia como um todo apresenta Deus como uma única pessoa, o que é negado pelo trinitarianismo social, segue-se que a Trindade econômica na Bíblia não é uma Trindade social e o Princípio de Plantinga é inválido.

Quanto ao Ponto Principal de Barth, ele está correto. Deve-se observar, entretanto, que, ainda que a revelação que Deus faz de si mesmo seja verdadeira, ela não é exaustiva, nem unívoca. Não é exaustiva porque Deus é tudo o que revela de si mesmo, mas não é apenas o que revela de si mesmo. Não é unívoca, mas analógica, porque Deus e o homem

⁵ CALVINO, João. *As Institutas*. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, 1.13.6. Cf. 1.13.20.

⁶ BRAY, Gerald. The Trinity: where do we go from here? In: MCGOWAN, A. T. B. (Ed.). *Always reforming: explorations in systematic theology*. Westmont, IL: IVP Academic, 2007, p. 31. Minha tradução.

⁷ As únicas exceções são passagens como Gn 1.26; 3.22; 11.6,7; Is 6.8, onde Deus fala com pronomes e verbos no plural.

⁸ HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 347.

estão em planos de existência diferentes, e o conhecimento do homem só pode ser derivado e reinterpretativo do próprio conhecimento totalmente compreensivo e autocontido de Deus.⁹

Quanto à Regra de Rahner, ela tem sido entendida de diferentes maneiras pelos teólogos. Para alguns, ela significa apenas que a revelação da Trindade na criação, providência e redenção é uma verdadeira revelação de quem ele é em si mesmo.¹⁰ Nesse sentido, a regra traz a mesma ideia do Ponto Principal de Barth, apenas com uma aplicação mais específica, e está correta. Porém, outros, especialmente neo-ortodoxos, entendem que a intenção do próprio Rahner ao afirmar essa regra era rejeitar a ideia de uma Trindade imanente em favor de uma Trindade meramente econômica, fazendo de Deus parte da criação.¹¹ Nesse sentido, obviamente, a regra seria negada por muitos cristãos nicenos.

Todo esse argumento em favor da Trindade social depende da validade do Princípio de Plantinga. Portanto, mesmo que o Ponto Principal de Barth e a Regra de Rahner sejam usados de forma correta, uma vez que o Princípio de Plantinga é inválido, segue-se que a conclusão do argumento também é inválida.

3.2 ARGUMENTO SOBRE A NATUREZA DA SALVAÇÃO

Este argumento é apresentado por Brink de forma confusa.¹² As linhas gerais do argumento parecem ser as seguintes: a salvação envolve uma participação na natureza divina. Como a salvação envolve as três pessoas divinas, no sentido de que o Filho morreu pelos crentes e vive neles, o Espírito Santo intercede por eles e neles, e isso de modo que esses crentes são reunidos com o Pai, então a natureza divina deve ser uma Trindade social.

A isso pode-se responder brevemente que, mesmo que seja admitido que a salvação envolve uma participação na natureza divina, o trinitarianismo social não precisa ser necessariamente assumido. Mais uma vez, os trinitários sociais se esquecem de que Deus se revela na Bíblia não só como três pessoas, mas também como uma pessoa, e isso também na salvação. A salvação não é descrita apenas como a obra das três pessoas divinas, mas também como a obra do Deus único (Êx 14.30; Dt 33.29; Sl 118.14; Is 25.9).¹³ Portanto, esse argumento não procede.

⁹ Cf. VAN TIL, Cornelius. *An introduction to systematic theology: prolegomena and the doctrines of revelation, Scripture, and God*. 2.ed. Phillipsburg: P&R Publishing, 2007, p.31-36.

¹⁰ Cf. LETHAM, *The Holy Trinity*, p.296.

¹¹ Cf. LETHAM, *The Holy Trinity*, p.296-298; OLSON, *História da teologia cristã*, p.615.

¹² Cf. BRINK, *Social trinitarianism*, p. 349, 350.

¹³ Cf. neste trabalho seção 3.1.

3.3 ARGUMENTO DA COERÊNCIA

Este argumento, apresentado por Thompson, afirma que o trinitarianismo social tem um relato mais coerente da doutrina da Trindade do que o trinitarianismo tradicional. É mais coerente afirmar que Deus é três pessoas em comunhão (num sentido quase unívoco, diz Thompson) do que dizer que Deus é tanto três pessoas quanto uma pessoa.¹⁴ A pressuposição por trás deste argumento é que uma doutrina, para que seja verdadeira, deve ser harmônica e compreensível. Uma doutrina difícil de ser compreendida e difícil de ser harmonizada em todas as suas partes não pode ser verdadeira.

O problema com essa pressuposição e, conseqüentemente, com o argumento, é que nenhuma das grandes doutrinas da fé cristã passa nesse critério. O objetivo da ortodoxia, nos credos e confissões, nunca foi elaborar doutrinas compreensíveis, mas doutrinas que expressem tudo o que as Escrituras revelam sobre um determinado tópico, mesmo que com tensões. A doutrina da Trindade envolve duas verdades bíblicas que não são facilmente harmonizáveis: há um Deus e esse Deus é três pessoas.¹⁵ O mesmo poderia ser dito de outras doutrinas fundamentais. A doutrina da pessoa de Cristo afirma que Cristo é uma pessoa, mas com duas naturezas, a divina e a humana. A doutrina dos decretos afirma que Deus é soberano, mas o homem é responsável. O critério da verdade em relação a essas doutrinas não é sua coerência ou facilidade de compreensão, mas sua fundamentação nas Escrituras.¹⁶

Não é a ortodoxia que procura produzir relatos coerentes, mas a heterodoxia. Toda heresia é uma tentativa humana de tornar uma doutrina bíblica compreensível, por meio da negação de uma das suas partes. Quanto à doutrina da Trindade, o modalismo afirma a unidade de Deus, mas nega a diversidade de pessoas;¹⁷ o arianismo afirma a unidade de Deus, mas atribui divindade a apenas uma das pessoas;¹⁸ o triteísmo afirma a diversidade de pessoas, mas nega a unidade de Deus;¹⁹ e assim por diante.

¹⁴ Cf. THOMPSON, Thomas R. Trinitarianism today: doctrinal renaissance, ethical relevance, social redolence. *Calvin Theological Journal*, Grand Rapids, MI, v. 32, n. 1, p. 9-42, abr. 1997, p. 29, 30, 39.

¹⁵ Detalhando mais, a doutrina da Trindade consiste de três afirmações bíblicas: 1) Há um só Deus; 2) Pai, Filho e Espírito Santo são Deus; 3) Pai, Filho e Espírito Santo são pessoas distintas.

¹⁶ Sobre isso, Van Til afirma: “Os cristãos, portanto, nunca deveriam apelar à lei da não-contradição como algo que, por si mesmo, determina o que pode ou não pode ser verdadeiro” (VAN TIL, *An introduction to systematic theology*, p.32. Minha tradução).

¹⁷ O modalismo é uma heresia do século III que afirma que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são uma única pessoa que apenas se manifesta de três modos diferentes. Cf. LETHAM, *The Holy Trinity*, p. 500.

¹⁸ O arianismo é uma heresia do século IV que afirma que apenas o Pai é Deus, sendo o Filho e o Espírito apenas criaturas. Cf. LETHAM, *The Holy Trinity*, p. 498.

¹⁹ O triteísmo é a crença em três deuses. Ninguém na história da Igreja defendeu isso explicitamente, mas algumas visões trinitárias correm o risco de cair nessa heresia. Cf. LETHAM, *The Holy Trinity*, p. 503.

O trinitarianismo social, ao tentar produzir um relato coerente da doutrina de Deus, precisa redefinir a unidade de Deus como sendo apenas comunhão, e assim rejeita uma das verdades bíblicas constituintes da doutrina da Trindade. Se, para harmonizar uma doutrina com a razão humana, é necessário rejeitar alguma parte da revelação, é melhor ficar com a aparente incoerência da doutrina.

Desse modo, nenhum dos argumentos a favor do trinitarianismo social é suficientemente convincente, e o trinitarianismo social não pode ser provado como verdadeiro.

No próximo capítulo, serão apresentados os argumentos contra o trinitarianismo social e respondidas algumas réplicas de trinitários sociais a esses argumentos.

4 ARGUMENTOS CONTRA O TRINITARIANISMO SOCIAL

O trinitarianismo social pode ser refutado com base em argumentos bíblicos, históricos e teológicos. Juntamente com esses argumentos serão respondidas algumas réplicas que trinitários sociais fazem a esses argumentos.

4.1 NOVO TESTAMENTO PRIVILEGIADO SOBRE O ANTIGO TESTAMENTO

O trinitarianismo social privilegia o Novo Testamento sobre o Antigo Testamento, ao enfatizar a diversidade pessoal de Deus apresentada no Novo em detrimento da unidade pessoal de Deus ensinada no Antigo.¹ Ao fazer isso, o trinitarianismo social constrói uma doutrina da Trindade distorcida e desequilibrada, que não leva em consideração todos os fatos bíblicos sobre Deus.

Brink responde a esse argumento com, basicamente, duas réplicas.² A primeira é que trabalhos recentes têm demonstrado que a doutrina da Trindade tem suas origens, através do monoteísmo do Segundo Templo, no próprio Antigo Testamento. Ela não é de origem grega, mas judaica. O fato do monoteísmo do Segundo Templo considerar Deus como único em relação a qualquer outra realidade (deuses) não impediu os cristãos de incluírem Jesus nessa identidade única de Deus. Portanto, o monoteísmo do Antigo Testamento tinha lugar para uma pluralidade em Deus. A segunda réplica, relacionada à primeira, é que a unidade de Deus apresentada no Antigo Testamento não é quantitativa, mas qualitativa. Ela não é uma unidade numérica (como o conceito de simplicidade da teologia sistemática), mas uma indicação da singularidade do Deus de Israel em relação a outros deuses. Brink cita o Shema de Dt 6.4 como uma prova disso.

Quanto à primeira réplica, deve-se reconhecer o valor das pesquisas recentes mostrando que o monoteísmo do Antigo Testamento não é contrário a uma pluralidade de pessoas em Deus e, conseqüentemente, não é contrário à doutrina da Trindade.³ Porém, essa réplica, sozinha, não pode provar que o monoteísmo do Antigo Testamento pode ser harmonizado com uma Trindade social. Por isso, Brink apresenta a segunda réplica.

¹ É verdade que o Novo Testamento também fala da unidade de Deus. Mas, certamente, o Testamento que mais enfatiza esse aspecto de Deus é o Antigo.

² Cf. BRINK, Gijsbert van den. Social trinitarianism: a discussion of some recent theological criticisms. *International Journal of Systematic Theology*, v. 16, n. 3, p. 331-350, jul. 2014, p. 342, 343.

³ Cf. HURTADO, Larry. *One God, One Lord: early Christian devotion and ancient Jewish monotheism*. 2.ed. London: T&T Clark Ltd., 1998.

Quanto à segunda réplica, de fato, o termo hebraico usado para “um” ou “único” (אֱחָד) em Dt 6.4 pode se referir a uma unidade composta, de modo que “ênfatisa a unidade embora reconheça diversidade dentro da unidade”.⁴ Esse mesmo termo é usado para descrever homem e mulher como “uma só (אֱחָד) carne” em Gn 2.24.⁵ Esse fato seria um bom argumento em favor de uma Trindade social, não fossem outros fatos revelacionais que também devem ser considerados.⁶

Em Dt 6.4, quem é declarado como “um” (אֱחָד) é Javé (יְהוָה). A etimologia, significado e relevância desse nome está ligada a Êx 3.13-15, onde, questionado por Moisés sobre qual é seu nome, Deus responde: “EU SOU O QUE SOU (אֲנִי אֶהְיֶה אֲשֶׁר אֶהְיֶה)” (v.14). O verbo אֶהְיֶה é a forma da primeira pessoa comum singular do imperfeito Qal de הָיָה (“ser, estar, tornar-se”), sendo uma afirmação sobre o ser ou essência de Deus. Vos sugere que o nome Javé (יְהוָה) é o verbo אֶהְיֶה, mudado da primeira para a terceira pessoa.⁷ Portanto, quando em Dt 6.4 a unidade de Deus é afirmada, a essência de Deus é associada a essa unidade: Javé é um único ser, uma única essência.

Mas, além disso, essa essência não é algo abstrato ou impessoal, mas o intensamente pessoal “EU SOU”: “Deus é pessoal. Essa proposição última, EU SOU, revela-nos que Deus é o ser último, absoluto e autoconsciente. Essa é a essência da personalidade, a saber, uma sede de autoconsciência. EU SOU assegura que Deus é pessoal”.⁸ E esse Deus pessoal não fala no plural, mas no singular, como um único sujeito ou uma única pessoa, apesar de todas as pessoas divinas estarem incluídas.⁹ Portanto, a unidade de Dt 6.4 é a unidade do grande EU SOU, a unidade da pessoa única de Deus.¹⁰

⁴ WOLF, Herbert. אֱחָד. In: HARRIS, R. Laird (Ed.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 60.

⁵ Outros textos relevantes onde אֱחָד é utilizado para falar de uma unidade que inclui a diversidade são Ed 2.64 e Ez 37.17.

⁶ Os argumentos a seguir estão baseados em SILVA, André Aloísio Oliveira da. *A Trindade Imanente: unidade de essência e diversidade de pessoas como igualmente fundamentais em Deus*. Monografia (Bacharelado em Teologia) – Seminário Teológico do Nordeste, Teresina, 2014, p. 77-79.

⁷ Cf. VOS, Geerhardus. *Teologia bíblica: Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 148.

⁸ SMITH, Morton H. *Systematic theology*. Greenville: Greenville Seminary Press, 1994. Vol.1, p. 125. Minha tradução.

⁹ Cf. neste trabalho seção 3.1. Jesus também se chama de “EU SOU” em Jo 8.24,28,58. Outras passagens em que a expressão “EU SOU” também é utilizada por Jesus são Jo 6.35,41,48,51; 8.12; 10.7,9,11,14; 11.25; 13.19; 14.6; 15.1,5; 18.5,6,8.

¹⁰ Esta conclusão é diferente do que foi afirmado em outro trabalho deste autor: cf. SILVA, A *Trindade Imanente*, p. 79.

Desse modo, as réplicas de Brink a este argumento não são suficientes para demonstrar que o trinitarianismo social está em harmonia com o monoteísmo do Antigo Testamento. Ainda que esse monoteísmo não seja contrário a uma pluralidade de pessoas, sem dúvida ele envolve também a ideia de que Deus é uma essência e uma pessoa. E, portanto, permanece o fato de que o trinitarianismo social minimiza a unidade de Deus afirmada no Antigo Testamento em favor da diversidade de Deus presente no Novo Testamento.

4.2 NENHUM ANTECEDENTE NA TRADIÇÃO

Como observado no capítulo 2 deste trabalho, o trinitarianismo social é bastante recente, uma inovação do século XX. Ainda que alguns encontrem um início do trinitarianismo social no trabalho de Gilberto de Poitiers e Joaquim de Fiori, ambos do século XII, fato é que nenhum deles pode ser considerado um representante da tradição da Igreja. Nem na tradição ocidental, nem na oriental, pode-se encontrar antes do século XX algo semelhante a uma negação da unidade e simplicidade divinas, como acontece no trinitarianismo social.

Também como visto no capítulo 2, alguns trinitários sociais, como Zizioulas, têm replicado que os Pais Capadócijs tinham uma visão trinitária diferente do Ocidente, redefinindo o ser de Deus como a comunhão entre as pessoas divinas.¹¹ Porém, como Stephen Holmes argumenta convincentemente,¹² os Pais Capadócijs defendiam a simplicidade da natureza divina, de modo que não podem ser enquadrados dentro do trinitarianismo social. Por exemplo, Gregório de Nissa, admite a simplicidade divina ao escrever que o termo “não-composto [...] representa a simplicidade do sujeito” e afirma que somos ensinados “pela denominação de simples que ele [Deus] é livre de toda mistura (composição)”.¹³ Holmes resume a doutrina da Trindade recebida do quarto século com algumas afirmações, entre as quais está a seguinte: “A natureza divina é simples, não-composta e inefável”.¹⁴ Até o principal representante do trinitarianismo oriental, João de Damasco, afirma a unidade e simplicidade divinas em termos que um trinitário social jamais poderia afirmar:

¹¹ Cf. BRINK, Social trinitarianism, p. 334; THOMPSON, Thomas R. Trinitarianism today: doctrinal renaissance, ethical relevance, social redolence. *Calvin Theological Journal*, Grand Rapids, MI, v. 32, n. 1, p. 9-42, abr. 1997, p. 36.

¹² Cf. HOLMES, Stephen R. *The Holy Trinity: understanding God's life*. London: Paternoster, 2012, cap. 5, edição Kindle.

¹³ Apud HOLMES, *The Holy Trinity*, cap. 5, edição Kindle. Minha tradução e meus colchetes.

¹⁴ HOLMES, *The Holy Trinity*, cap. Interlude, edição Kindle. Minha tradução.

Pois há uma essência, uma bondade, um poder, uma vontade, uma energia, uma autoridade; um e o mesmo, eu repito, e não três parecendo um com o outro. Mas as três substâncias têm um e o mesmo movimento. Pois cada uma delas está relacionada tão intimamente com as outras como está consigo mesma: ou seja, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um em todos os aspectos, com exceção daqueles da não-geração, geração e procedência.¹⁵

Portanto, o trinitarianismo social é uma novidade sem nenhum antecedente na tradição da Igreja, seja no Ocidente, seja no Oriente. Ainda que esse argumento, por si mesmo, não desqualifique uma ideia, ele deveria deixar um trinitário social, no mínimo, temeroso. Somado ao argumento anterior, deveria levar a uma reavaliação completa do trinitarianismo social.

4.3 MINIMIZAÇÃO DA UNIDADE DE DEUS

Como já argumentado acima, o trinitarianismo social minimiza a unidade de Deus, ao reinterpretar essa unidade como consistindo meramente em uma comunhão ou união pericorética das três pessoas. O problema teológico dessa abordagem é que ela não tem nenhuma segurança contra a heresia do triteísmo. Se Deus é três pessoas divinas unidas apenas por sua comunhão mútua, como esse sistema difere de uma crença em três deuses?

Brink reconhece a força desse argumento e sugere aos trinitários sociais como ele que procurem outra localização para a unidade das três pessoas além da pericorese.¹⁶ Thompson replica esse argumento de forma semelhante ao que Brink faz ao tentar demonstrar a harmonia do trinitarianismo social com a unidade divina afirmada no Antigo Testamento,¹⁷ como visto na seção 4.1 deste trabalho. Mas como visto nessa mesma seção, a unidade de Deus no Antigo Testamento é afirmada em termos mais fortes do que o trinitarianismo social faz. Deus é descrito como um sujeito ou uma pessoa, inclusive no seu próprio nome: EU SOU. Portanto, este argumento sobre o risco do triteísmo permanece como uma robusta objeção contra a doutrina da Trindade social.

Todos esses argumentos contra o trinitarianismo social provam que ele não pode ser abraçado como uma expressão verdadeira da doutrina bíblica da Trindade.

¹⁵ Apud HOLMES, *The Holy Trinity*, cap. 5, edição Kindle. Minha tradução

¹⁶ Cf. BRINK, *Social trinitarianism*, p. 347.

¹⁷ Cf. THOMPSON, Thomas R. *Trinitarianism today: doctrinal renaissance, ethical relevance, social redolence*. *Calvin Theological Journal*, Grand Rapids, MI, v. 32, n. 1, p. 9-42, abr. 1997, p. 37, 38.

CONCLUSÃO

Este trabalho tem como título uma pergunta: a Trindade é uma sociedade? Diante de tudo o que foi apresentado, a resposta a essa pergunta deve ser “não”. Deus seria uma sociedade se fosse apenas três pessoas unidas somente por sua comunhão mútua. Mas Deus não é apenas três pessoas, Deus também é uma pessoa. E a unidade de Deus não pode ser explicada apenas por sua comunhão ou pericorese, mas também por sua essência única possuída em comum pelas três pessoas.

Desse modo, a unidade e a diversidade são igualmente fundamentais em Deus e nenhum desses aspectos deve ser sobreposto ao outro,¹ como acontece no trinitarianismo social, que enfatiza a diversidade em detrimento da unidade, e em alguns dos críticos do trinitarianismo social, que enfatizam a unidade em detrimento da diversidade. Gregório de Nazianzo expressou a igual importância desses dois aspectos ao escrever: “Mal me dou conta do Um e sou iluminado pelo esplendor dos três; mal os distingo e sou levado de volta ao Um”.²

A implicação disso é que tanto as analogias psicológicas quanto as sociais são válidas na doutrina da Trindade. Porém, elas devem ser entendidas e utilizadas como tais: analogias que, obviamente, são analógicas, não unívocas. Além disso, não se deve utilizar apenas um tipo de analogia (psicológica ou social), o que poderia levar a uma ênfase em apenas um dos aspectos da doutrina da Trindade (unidade ou diversidade).

Outra implicação é que a Trindade pode ser abordada de duas direções opostas, ambas legítimas:

Poderia ser dito tanto que Deus é um ser que existe como três pessoas (esta se provou ser a rota preferida no Ocidente) quanto, alternativamente, que ele é três pessoas que são simultaneamente um único ser indiviso (a qual tendeu a ser a abordagem favorecida no Oriente). No entanto, ambas as abordagens são igualmente válidas. De um lado, Deus é um ser, três pessoas, enquanto de outro ângulo, ele é três pessoas, um ser.³

Finalmente, é importante dizer que trazer aplicações da doutrina da Trindade para a família, Igreja e sociedade é algo legítimo, mas que deve ser feito com cuidado. Para que isso

¹ Cf. SILVA, André Aloísio Oliveira da. *A Trindade Imanente: unidade de essência e diversidade de pessoas como igualmente fundamentais em Deus*. Monografia (Bacharelado em Teologia) – Seminário Teológico do Nordeste, Teresina, 2014, p. 132-134.

² GREGÓRIO DE NAZIANZO. Select orations of Saint Gregory Nazianzen. In: SCHAFF, Philip (Ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers Series IV*. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, s.d. Vol. 7, 40.41. Minha tradução.

³ LETHAM, Robert. *The Holy Trinity: in Scripture, history, theology and worship*. Phillipsburg: P&R, 2004, p.176. Minha tradução.

seja feito de forma apropriada, é necessário que se tenha uma visão apropriada da Trindade. O problema das aplicações do trinitarianismo social, muitas delas envolvendo a defesa de uma espécie de socialismo político, tem sua origem na própria visão distorcida que os trinitários sociais têm de Deus. Mas com uma perspectiva trinitária correta, aplicações legítimas podem ser extraídas dessa doutrina. Van Til, por exemplo, aplica a doutrina da Trindade ao antigo problema filosófico do um e do muitos,⁴ e o faz muito bem.

⁴ Cf. VAN TIL, Cornelius. *The defense of the faith*. 4.ed. Phillipsburg: P&R Publishing, 2008, p. 47-51.

BIBLIOGRAFIA

BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. Vol.2.

BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

BOFF, Leonardo. *A Trindade e a sociedade*. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BRAY, Gerald. The Trinity: where do we go from here? In: MCGOWAN, A. T. B. (Ed.). *Always reforming: explorations in systematic theology*. Westmont, IL: IVP Academic, 2007.

BRINK, Gijsbert van den. Social trinitarianism: a discussion of some recent theological criticisms. *International Journal of Systematic Theology*, v. 16, n. 3, p. 331-350, jul. 2014. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rft&AN=ATLA0001992099&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 01-mai-2017.

CALVINO, João. *As Institutas*. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CHAPMAN, Mark D. The social doctrine of the trinity: some problems. *Anglican Theological Review*, Chicago, IL, v. 83, n. 2, p. 239-254, 2001.

ERICKSON, Millard J. *God in three persons: a contemporary interpretation of the Trinity*. Grand Rapids, MI: Baker Pub Group, 1995.

GREGÓRIO DE NAZIANZO. Select orations of Saint Gregory Nazianzen. In: SCHAFF, Philip (Ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers Series IV*. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, s.d. Vol. 7.

GUNTON, Colin E. *The one, the three and the many: God, creation and the culture of modernity*. New York: Cambridge University Press, 1993.

GUNTON, Colin E. *The promise of Trinitarian Theology*. 2.ed. New York: T&T Clark Ltd, 1997.

HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.

HOLMES, Stephen R. *The Holy Trinity: understanding God's life*. London: Paternoster, 2012.

HORRELL, J. Scott. Toward a biblical model of the Social Trinity: avoiding equivocation of nature and order. *Journal of the Evangelical Theological Society*, Lynchburg, v.47, n.3, p.399-421, set./nov. 2004. Disponível em: <http://www.etsjets.org/files/JETS-PDFs/47/47-3/47-3-pp399-421_JETS.pdf>. Acesso em: 14 out. 2013.

HURTADO, Larry. *One God, One Lord: early Christian devotion and ancient Jewish monotheism*. 2.ed. London: T&T Clark Ltd.

JENSON, Robert W. *The triune identity: God according to the gospel*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2002.

LACUGNA, Catherine Mowry. *God for us: the Trinity and christian life*. São Francisco: HarperSanFrancisco, 1991.

LETHAM, Robert. *The Holy Trinity: in Scripture, history, theology and worship*. Phillipsburg: P&R, 2004.

METZLER, Norman. The Trinity in contemporary theology: questioning the social Trinity. *Concordia Theological Quarterly*, Fort Wayne, IN, v. 67, n. 3-4, p. 270-287, jul. 2003.

MIRANDA, Daniel Leite Guanaes. *Leonardo Boff e João Calvino: diferentes perspectivas concernentes à Santíssima Trindade*. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/Boff-Calvino-Trindade_Daniel-Leite.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2014.

MOLTMANN, Jürgen. *The Trinity and the kingdom: the doctrine of God*. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

PANNENBERG, Wofhart. *Teologia sistemática*. Santo André, SP: Academia Cristã, 2009. Vol. 1.

PLANTINGA, Cornelius. Social trinity and tritheism. In: FEENSTRA, Ronald J. (Ed.); PLANTINGA, Cornelius (Ed.). *Trinity, incarnation, and atonement: philosophical and theological essays*. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 1990.

RAHNER, Karl. *The Trinity*. New York: Crossroad, 1997.

SILVA, André Aloísio Oliveira da. *A Trindade Imanente: unidade de essência e diversidade de pessoas como igualmente fundamentais em Deus*. Monografia (Bacharelado em Teologia) – Seminário Teológico do Nordeste, Teresina, 2014. Disponível em: <http://www.monergismo.net.br/textos/trindade/Monografia_A-Trindade-imanente.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2017.

SMITH, Morton H. *Systematic theology*. Greenville: Greenville Seminary Press, 1994. Vol.1.

THOMPSON, Thomas R. Trinitarianism today: doctrinal renaissance, ethical relevance, social redolence. *Calvin Theological Journal*, Grand Rapids, MI, v. 32, n. 1, p. 9-42, abr. 1997. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLA0001021965&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 01-mai-2017.

TURRETINI, François. *Compêndio de teologia apologética*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. Vol. 1.

VAN TIL, Cornelius. *An introduction to systematic theology: prolegomena and the doctrines of revelation, Scripture, and God*. 2.ed. Phillipsburg: P&R Publishing, 2007.

VAN TIL, Cornelius. *The defense of the faith*. 4.ed. Phillipsburg: P&R Publishing, 2008.

VOS, Geerhardus. *Teologia bíblica: Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WOLF, Herbert. **אֱלֹהִים**. In: HARRIS, R. Laird (Ed.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

ZIZIOULAS, John. *Being as communion: studies in personhood and the church*. Londres: Darton, Longman and Todd, 1985.